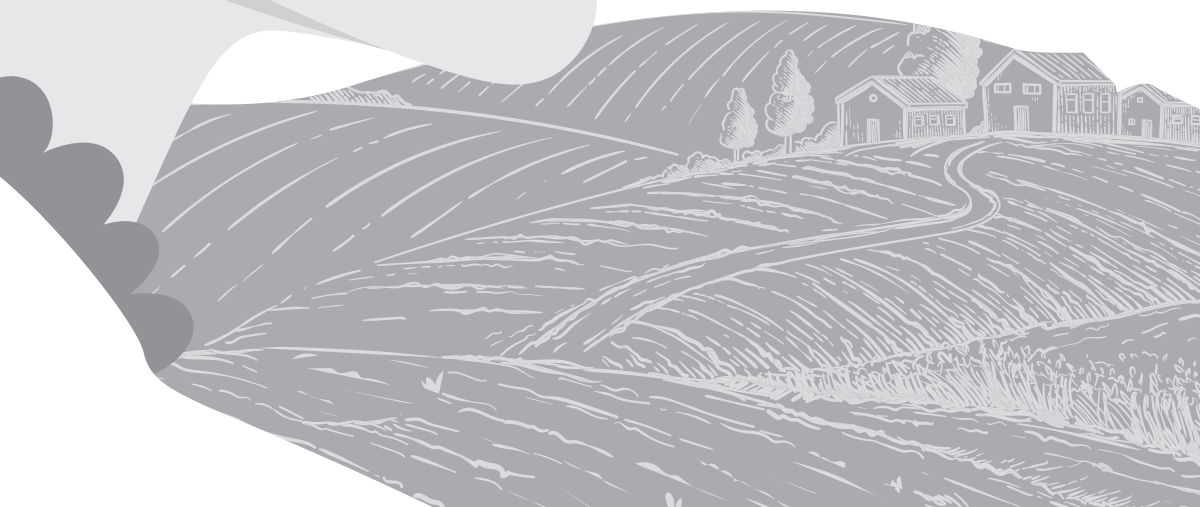


**José de  
Alencar**







# José de Alencar

# III

**Texto Integral**

Questões de vestibular  
comentadas



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto  
José de Alencar

Produção e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Revisão  
Casa de Ideias

Imagens  
Vectorgoods studio/Shutterstock.com;  
Moremar/Shutterstock.com;

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A368t	Alencar, José de, 1829-1877
	Til / José de Alencar. - 3. ed. - Jandira, SP : Principis, 2019. 240 p. ; 16cm x 23cm.
	Inclui índice. ISBN: 978-85-943-1888-6
	1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.
2019-1448	CDD 869.89923 CDU 821.134.3(81)-31

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

#### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira: Romance 869.89923
2. Literatura brasileira: Romance 821.134.3(81)-31

3ª edição em 2019

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

## PRIMEIRO VOLUME

Capítulo I: Capanga .....	8
Capítulo II: Na tronqueira .....	11
Capítulo III: Ela .....	15
Capítulo IV: Monjolo .....	19
Capítulo V: A tocaia .....	22
Capítulo VI: O empenho .....	25
Capítulo VII: O marmanjo .....	29
Capítulo VIII: Pressentimento .....	32
Capítulo IX: As amostras .....	36
Capítulo X: Os gêmeos .....	39
Capítulo XI: No tanquinho .....	42
Capítulo XII: Idílios .....	47
Capítulo XIII: Sustos .....	50
Capítulo XIV: A vespa .....	54
Capítulo XV: O relicário .....	57
Capítulo XVI: A sura.....	61
Capítulo XVII: Zana .....	64
Capítulo XVIII: A visão .....	68
Capítulo XIX: O desconhecido .....	71
Capítulo XX: A pousada .....	75
Capítulo XXI: O bacorinho .....	79
Capítulo XXII: O trato .....	83
Capítulo XXIII: Nhá Tudinha .....	86
Capítulo XXIV: A lição .....	90
Capítulo XXV: O idiota .....	93
Capítulo XXVI: O abecê .....	97
Capítulo XXVII: A cutia .....	101
Capítulo XXVIII: A bolsa .....	104
Capítulo XXIX: Desencargo .....	108
Capítulo XXX: Trama .....	112
Capítulo XXXI: Pai Quicé .....	115

## **SEGUNDO VOLUME**

Capítulo I: O bugrezinho .....	120
Capítulo II: O casamento .....	123
Capítulo III: Bebê .....	126
Capítulo IV: Órfã .....	130
Capítulo V: Fera .....	133
Capítulo VI: A restituição .....	136
Capítulo VII: Fascinação .....	139
Capítulo VIII: Letargo .....	143
Capítulo IX: Transe .....	146
Capítulo X: A garrucha .....	149
Capítulo XI: A furna .....	153
Capítulo XII: O assalto .....	156
Capítulo XIII: Luta .....	159
Capítulo XIV: O beijo .....	162
Capítulo XV: Confissão .....	166
Capítulo XVI: São João .....	169
Capítulo XVII: Cravo branco .....	173
Capítulo XVIII: Revelação .....	176
Capítulo XIX: A lágrima .....	180
Capítulo XX: O samba .....	184
Capítulo XXI: O incêndio .....	188
Capítulo XXII: A traição .....	191
Capítulo XXIII: Vampiro .....	194
Capítulo XXIV: Na tapera .....	197
Capítulo XXV: A entrega .....	200
Capítulo XXVI: O cipó .....	203
Capítulo XXVII: Despedida .....	207
Capítulo XXVIII: O Congo .....	210
Capítulo XXIX: Confissão .....	213
Capítulo XXX: A enjeitada .....	217
Capítulo XXXI: Alma sóror .....	221

## **COMPLEMENTO DE LEITURA**

Sobre o autor .....	227
Texto e contexto .....	229
Questões comentadas .....	231



# PRIMEIRO VOLUME



## CAPÍTULO I **CAPANGA**

Eram dois, ele e ela, ambos na flor da beleza e da mocidade. O viço da saúde rebentava-lhes no encarnado das faces, mais aveludadas que a açucena escarlate recém aberta ali com os orvalhos da noite. No fresco sorriso dos lábios, como nos olhos límpidos e brilhantes, brotava-lhes a seiva d'alma.

Ela, pequena, esbelta, ligeira, buliçosa, saltitava sobre a relva, gárrula e cintilante do prazer de pular e correr; saciando-se na delícia inefável de se difundir pela criação e sentir-se flor no regaço daquela natureza luxuriante.

Ele, alto, ágil, de talhe robusto e bem-conformado, calcando o chão sob o grosseiro soco da bota com a bizzarria de um príncipe que pisa as ricas alfombras, seguia de perto a gentil companheira, que folgava pelo campo, a volutear e fazendo-lhe mil negaças, como a borboleta que zomba dos esforços inúteis da criança para a colher.

Caminhavam por uma rechã, bordada de ilhas de mato, que emergiam aqui e ali do verde gramado. Pela ramagem frondente das árvores e renovos que abrolhavam, percebia-se a proximidade de um grande manancial, e entre as crepitações da brisa nas folhas, como um tom opaco desse arpejo da solidão, ouvia-se o múrmure soturno do Piracicaba, que leva ao Tietê o tributo caudal de suas águas.

Sete horas da manhã haviam de ser. A luz de um sol esplêndido fluía no éter, que a trovoadá da véspera tinha acendrado. O céu arreava-se do

azul diáfano onde a fantasia se embebe com a voluptuosidade casta da criança a conchegar-se dentro, tão dentro do grêmio materno.

Bem longe do céu, porém, e bem presos à terra andavam os olhos dos nossos dois amiguinhos, que nem haviam reparado sequer na limpidez da atmosfera. Ainda estavam na sação feliz, em que respira o céu, como o ar da vida, e o aroma do campo, quase sem o sentir.

Às flores, que a noite desabrochava; aos frutos silvestres que enfeitavam a copa das árvores; aos passarinhos que trinavam embalando-se nas franças dos coqueiros; ao que era da terra e bem da terra, iam os impulsos desses jovens corações, quando não se volviam um para o outro, a reverem-se entre si.

O céu, essa imensa tela azul, que foi cúpula de um berço, o da luz, e será mais tarde véu de um leito, o da vida; a alma só o procura, só o contempla, quando a dor a prostra. Mas para aquela que sorri e folga, o firmamento é uma terra por descobrir e debuxa-se vagamente na imaginação, como a montanha azul desse vale de lágrimas.

Alguma vez deixava o rapaz de seguir com o passo a menina, para acompanhá-la com a vista. De braços cruzados sobre a coronha da clavina de caça, fitava os grandes olhos pardos com tal possança d'alma, que mais parecia absorver e entranhar em si o gracioso vulto, do que enlevar-se em sua contemplação.

Acaso, em uma dessas ocasiões, voltou-se de chofre a menina para ver onde ficara o companheiro e deu com ele a fitá-la daquele modo estranho.

– Que me está olhando aí? Nunca me viu? – exclamou com surpresa, mas travada sempre da petulância que animava-lhe todos os movimentos.

– Não era para você! – respondeu rápido o moço, abaixando a cabeça de modo a ocultar o rubor que lhe afogueava o rosto.

Para confirmar o disfarce, armou a clavina e fez pontaria a um cardeal que se embalava no tope de uma palmeira.

– Miguel!...

Esta súbita exclamação rompeu dos lábios da menina, trêmula de susto, a cobrir com as mãos pequeninas as conchinhas das orelhas para não ouvir o ribombo do tiro.

## JOSÉ DE ALENCAR

Riu-se o rapaz e abaixou a arma:

– Dengosa!

– Deixe! – replicou ela com um amuo.

E deitou de novo a correr, já esquecida do susto, espanejando-se com a mesma alegria, que não se estancava nunca, e alguma vez represa, borbulhava depois com força maior.

De repente parou; imóvel, quase estática, uma lividez mortal jaspeou-lhe as feições, enquanto os olhos se pasmavam em um ponto além.

À orla do mato assomara o vulto de um homem de grande estatura e vigorosa compleição, vestido com uma camisola de baeta preta, que lhe caía sobre as calças de algodão riscado. Apertava-lhe a cintura rija a larga faixa do couro mosqueado da cascavel, onde via-se atravessada a longa faca de ponta com bainha de sola e cabo de osso grosseiramente lavrado.

Em uma das bandoleiras trazia o polvarinho e munição; na outra suspendia um bacamarte, cuja boca negra e sinistra aparecia-lhe na altura do joelho esquerdo, como a fauce de um dragão que lhe servisse de rafeiro.

As mangas da camisa, tinha-as enroladas até o cotovelo, bem como a parte inferior das calças que arregaçava cerca de um palmo. Usava de alpargatas de couro cru e chapéu mineiro afunilado, cuja aba larga e abatida ocultava-lhe grande parte da fisionomia.

Vinha ele em direção oblíqua ao caminho dos dois jovens, e mal avistou a menina, logo desviou-se do rumo que levava no intuito de evitá-la; mas achando-se por isso fronteiro com Miguel, escapou-lhe um gesto de contrariedade e tomou o partido de parar à espera que os outros se fossem, deixando-lhe passagem livre.

De seu lado estremeceu o rapaz ao dar com os olhos no homem da camisola, e tal foi a comoção produzida pelo encontro, que derramou-lhe no semblante a expressão de um asco misto de horror, arrancando-lhe involuntariamente dos lábios esta exclamação:

– João Fera!...

Não se abalou o mal-encarado sujeito; e Miguel, corrido do primeiro assomo de terror, que lhe embotava os brios de valente e galhardo, reagiu com uma travessura de rapaz.

## TII

Levou ao rosto a espingarda fingindo armá-la, e apontou para o outro.

– Atire! – disse aquele com a voz arrastada e indolente.

E promovendo um passo, apresentou com desgarro o peito à mira da espingarda de Miguel, que já arrependido do gracejo, abaixava a arma.

– Pois olhe! – tornou o homem da camisola com a mesma voz de arrasto: – fazia um bem a mim... e a outros!

– Por que, Jão?

Fora da menina esta pergunta. Colocada além de Miguel não vira a menção do tiro, feita de brincado por este, e só voltou-se e compreendeu o que passara, ao ouvir as últimas palavras.

– Esta vida me cansa! – respondeu Jão com arquejo.

– Estás com saudade da forca? – retorquiu Miguel com chasco de desprezo.

Ouviu-se um fungar, como o das narinas da onça quando bufa, e arrepiava ao mais bravo caçador, que sente lhe estar ela tomando faro ao sangue tépido. De um pulo achou-se o facínora a rosto com o rapaz, que armara intrepidamente a espingarda, preparado a morrer com denodo.

## CAPÍTULO II NA TRONQUEIRA

Atalhou a menina o ímpeto a Jão, arrojando-se-lhe em frente, e cobrindo com o talhe delgado o corpo de Miguel. Seu olhar cintilante trespassou o olhar fero do capanga como a lâmina de um estilete cravando uma couraça.

– Vai embora! – disse ela com império; e a voz parecia ranger-lhe nos lábios pálidos.

Foi a pupila inflamada e sanguinária do assassino a que abateu-se.

Recolhendo o passo, quedou-se um instante perplexo, absorto por uma luta que se renhia dentro, procela a subverter o pélagos insondável dessa consciência.

Rompeu-lhe do seio uma sublevação contra o poder misterioso e incompreensível, que lhe agrilhoava com um fio de cabelo as pujanças terríveis do coração, até aí indomável e sedento como a sanha do tigre.

## JOSÉ DE ALENCAR

Levantou os olhos carregados de cólera.

– Já! – impôs-lhe a menina, que presentira a reação, e como da primeira vez, a retalhava com o gume de seu olhar.

Ainda hesitou o facínora; mas afinal, vencido por ignoto poder, curvou a cabeça, e de um arranco visível afastou-se vagarosamente com um passo tão pesado que lhe custava a arrancar do chão a palma do pé. Duas ou três vezes, antes de encobrir-se na alta capoeira, voltou a cabeça; mas encontrava os olhos cintilantes da menina; e, apesar do grande esforço, vergava ante a inflexível repulsa.

– Foi-se! – disse Miguel.

O rapaz assistira imóvel à rápida cena, partido entre o pensamento da defesa e a admiração pela coragem da linda companheira, que afrontava-se com o terrível facínora.

Vendo este sumir-se no mato, escapara-lhe dos lábios aquela exclamação de surpresa, e acompanhou-a logo um gesto que não era de vã ameaça, mas de firme resolução.

– Algum dia nos havemos de encontrar!

– Que lhe fez ele? – perguntou a menina a rir.

Em seu lindo semblante já não restavam traços da comoção que nela produzira a cena anterior. Como a onda cristalina, que turva um instante a asa negra da borrasca e logo após reflete a bonança do céu, era seu olhar sereno e meigo.

Ninguém diria que nesse corpo mimoso dormia a alma que se revelara poucos momentos antes e parecia espedaçar o frágil e delicado invólucro; ninfa celeste a romper a argila de sua formosa crisálida.

– Que me fez, Inhá? – repetiu Miguel surpreso da pergunta.

– Foi você quem buliu com ele, que ia seu caminho bem descansado.

– Para a tocaia!

– De quem? – interrogou a menina assustada.

– Sei lá! Quando o bugre sai da furna, é mau sinal: vem ao faro do sangue como a onça. Não foi de balde que lhe deram o nome que tem. E faz gabo disso!

– Então você cuida que ele anda atrás de alguém?

– Sou capaz de apostar. É uma coisa que toda a gente sabe. Onde se encontra Jão Fera, ou houve morte ou não tarda.

## TII

Estremeceu Inhá com um ligeiro arrepio, e volvendo em torno a vista inquieta, aproximou-se do companheiro para falar-lhe em voz submissa.

– Mas eu tenho-o encontrado tantas vezes, aqui perto, quando vou à casa de Zana, e não apareceu nenhuma desgraça.

– É que anda farejando, ou senão deram-lhe no rasto e estão-lhe na cola.

– Coitado! Se o prendem!

– Ora qual. Dançará um bocadinho na corda!

– Você não tem pena?

– De um malvado, Inhá!

– Pois eu tenho!

– Ah! Você fala com o bugre e até manda nele, como se fosse um negro cativo.

– Pois então!

– Mas por que é que este demônio que não faz caso de ninguém, e até mata as crianças, sofre tudo de Inhá, como ainda há pouco? Por que é?

– Não sei, Miguel! – disse a menina com ingenuidade.

– Estou vendo que você tem algum patuá, como dizem as pretas da fazenda.

– E tenho mesmo! Olhe! Aqui está! exclamou a menina a rir-se, mostrando um bentinho que tirou do seio, onde o trazia com uma cruz, preso a um cordão de ouro.

– Então é encanto; não há dúvida–, replicou Miguel sorrindo.

– E eu digo que não.

– Ora, todos sabem!

– Ninguém sabe, nem eu mesma, só Deus; mas eu cuido uma coisa.

– O quê?

– É porque eu não tenho medo dele.

– Qual!...

– Nenhum; nenhum!

– Mas você ficou mais branca do que uma cera, que eu bem vi.

– De raiva só! – respondeu a menina com expressão.

Tinham os dois companheiros chegado ao lugar, onde a vereda que seguiam atravessava um carreador. Perto dali ficava a tronqueira de

## JOSÉ DE ALENCAR

bater, a qual dava entrada às terras de uma fazenda, cercadas pelo fosso largo e profundo, que serve para resguardar a cultura contra o gado daninho.

Inhá, que de uma corrida alcançara a tronqueira, subiu de salto pelas travessas, como faria se fossem os degraus de uma escada, e sentou-se na última bem concha de si. Levantando então a aldraba de ferro e empurrando com o pé a cancela, começou a balançar-se com um prazer infantil.

Parado em meio do caminho ficara Miguel contemplando-a com uma expressão de contrariedade. Parecia afligir-se de ver sua graciosa companheira fazer-se criança, e trocar pelas afoitezas de um traquinas as cintilantes vivacidades da mocinha faceira.

Sentia ele dentro em si uma ânsia incompreensível, qual tem-na o artista olhando o toro de mármore de que seu cinzel vai criar uma estátua. Mas essa que lhe vive e palpita n'alma, ainda o mármore não a recebeu, e quem sabe se poderá ele nunca moldá-la como a desenhou a imaginação.

Tal era Miguel ante aquele esboço da mulher que sonhava e, já alguma vez, entrevira em realidade, mas como uma luz efêmera, quase instantânea, bruxuleando entre as cismas de seus passeios solitários pelos campos. Os mesmos ímpetos do artista, cortados pelo desânimo, tinha-os ele nos momentos em que via, como agora, transformar-se de repente a fada gentil de seus sonhos em uma capetinha de mil pecados.

Sua alma refrangia-se, ferida pela decepção; e por isso, desviando a vista da menina, atravessou o carreador e trilhou a vereda que embrenhava-se pela mata fechada, a pequena distância daí.

– Psiu!... Onde vai? – perguntou Inhá surpresa.

Miguel parou.

– Já se esqueceu do caminho? – continuou ela a rir. – É por aqui!

– O meu não! – respondeu o rapaz.

E partiu.

Nesse momento, soou a distância um agudo assobio, e Inhá viu resvalar entre a folhagem, à orla da mata, um vulto que lhe pareceu João Fera.

## CAPÍTULO III

# ELA

A embalar-se na tronqueira, Inhá seguia com os olhos o rapaz que afastava-se.

Miguel tinha razão. Tão ardilosa era a expressão do rostinho da menina e tão brejeiro seu olhar, que a transfiguravam completamente. Quem assim a visse, julgaria ter diante de si, a chasqueá-lo, o trejeito garoto de um caipirinha.

Para essa ilusão muito concorriam o tipo e o traje da moça.

Era ela de pequena estatura e tão delgada e flexível no talhe, que dobrava-se como o junco da várzea. As formas da graciosa pubescência, que um corpinho justo debuxaria em doce e palpitante relevo, as dissimulava o frouxo corte de uma jaqueta de flanela escarlate com mangas compridas, e desabotoada sobre um camisote liso, cujos largos colarinhos se rebatiam sobre os ombros, à feição dos que usavam então os meninos de escola.

Servia-lhe de toucado um chapéu de palha de coco trançada, sob o qual escondia os lindos cabelos negros cacheados, que às vezes, com os saltos, escapavam da prisão e vinham folgar sobre as espáduas. Calçava grossos coturnos de couro de veado, mas tão altos que mais pareciam botas; e comparando com as de Miguel, se diriam irmãs na forma, a não ser o tamanho, onde aliás afogava-se o pezinho buliçoso.

Ainda assim não estava Inhá contente, pois metiam-lhe inveja o pala e as calças de brim do companheiro; mas sobretudo a clavina de caça que ele trazia ao ombro.

Para tê-la, e carregá-la assim, daria ela naquele momento sem hesitar as soberbas tranças de seus longos cabelos, que lhe estavam metendo figas e zombando das suas pretensões a rapaz.

Se a estreita saia de chita dava a esse vestuário um traço feminino, acusando um contorno harmonioso, por isso mesmo ela em seus momentos de luta com a natureza parecia caprichar em destruir aquele vestígio de seu sexo. Os pulos que soltava, a firmeza de seu passo gentil que ela de propósito fazia rijo, imprimiam com efeito certa aspereza e nervura a seus movimentos sempre encantadores, apesar de tudo.